

Revista
Latino-americana de

*G*eografia e Gênero

Volume 15, número 1 (2024)
ISSN: 2177-2886

Artigo

Geografias dos Corpos Gordos

Geografías de los Cuerpos Gordos

Geographies of Fat Bodies

Diego Miranda Nunes

Universidade Federal de Santa Maria - Brasil
diego_rgnunes@yahoo.com.br

Como citar este artigo:

NUNES, Diego Miranda. Geografias dos Corpos Gordos. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 15, n. 1, p. 132 - 151, 2024. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Geografias dos Corpos Gordos

Geografías de los Cuerpos Gordos

Geographies of Fat Bodies

Resumo

Esta é uma escrita que pode causar algumas inquietações. Por outro lado, é uma possibilidade de reflexão. O objetivo central é propor uma discussão do corpo gordo a partir do olhar da Geografia, abordando questões relacionadas ao corpo gordo, analisando e refletindo os diversos espaços e como estes acabam disciplinando os nossos corpos. Seja pelo viés da saúde, seja pela mídia, ou no ciberespaço como um todo. É um escrito dedicado a revelar a problemática desses espaços e como eles impactam o cotidiano dos corpos gordos.

Palavras-Chave: Geografia; Corpo gordo; Vigilância; Punição.

Resumen

Esta escritura puede causar algunas inquietudes. Por otro lado, es una oportunidad para la reflexión. El objetivo principal es proponer una discusión sobre el cuerpo gordo desde la perspectiva de la Geografía, abordando cuestiones relacionadas con el cuerpo gordo, analizando y reflexionando sobre los diversos espacios y cómo estos terminan disciplinando nuestros cuerpos. Ya sea desde el punto de vista de la salud, los medios de comunicación o el ciberespacio en su conjunto. Es un escrito dedicado a revelar la problemática de estos espacios y cómo terminan impactando en la vida cotidiana de los cuerpos gordos.

Palabras-Clave: Geografía; Cuerpos gordos; Vigilancia; Castigo.

Abstract

This is a piece of writing that may cause some unease. On the other hand, it is an opportunity for reflection. The central objective is to propose a discussion of the fat body from the perspective of Geography, addressing issues related to the fat body, analyzing, and reflecting on the various spaces and how they end up disciplining our bodies. They might operate through the lens of health, the media, or cyberspace as a whole. This article dedicates to revealing the problems of these spaces and how they end up affecting the daily lives of fat bodies.

Keywords: Geography; Fat bodies; Surveillance; Punishment.



Diego Miranda Nunes

Introdução

O corpo se tornou o lugar da identidade pessoal. Sentir vergonha do próprio corpo seria sentir vergonha de si mesmo [...] mais do que as identidades sociais, mais caras ou personagens adotadas, mais até do que as ideias e convicções, frágeis e manipuladas, o corpo é a própria realidade da pessoa. Portanto, já não existe mais vida privada que não suponha o corpo.

Antoine Prost e Vicent Gérard (1992, p. 105)

Início este texto falando daquilo que me motiva, do que me impulsiona a chegar até aqui, pois entendo que as inquietações e as perturbações fazem parte do processo de reflexão e da escrita. Neste sentido, refletir sobre o corpo gordo de homens gays, enquanto um homem gay gordo, que vivencia a sua sexualidade de forma aberta, exige alguns deslocamentos, pois minhas vivências e experiências também estão sendo consideradas no momento em que escrevo este texto.

Geografias dos corpos gordos nasce nas entrevistas para a escrita da dissertação de mestrado, ainda em 2019. Tal pesquisa investigava a produção de masculinidades de homens que se relacionavam com outros homens em um aplicativo de relacionamento. Naquele momento, entrevistei um homem gay gordo por cerca de três horas, o qual me relatou sobre as dificuldades (e, por vezes, potencialidades) que um homem gordo vivencia em aplicativos de relacionamento. Por mais que isso não fosse o meu foco naquele momento, logo remeteu às minhas experiências afetivo-sexuais e me fez refletir sobre a potência de pesquisa e da possibilidade de trazer o corpo gordo para o debate geográfico. Guilherme, nome pelo qual se identificou na entrevista, foi um dos motivadores da continuidade da minha pesquisa no campo das Geografias das Sexualidades e no seguimento da etapa seguinte, que seria o doutorado.

Com isso, Geografias dos corpos gordos não é só sobre falar de mim, e sim refletir sobre o meu corpo e o corpo de outros homens gays no seu cotidiano. Tais vivências e experiências darão luz a uma temática que ainda em 2023 é marginalizada, desqualificada e desvalorizada. Percebo, assim, que esta escrita também é um momento de resistência, no sentido de visibilizar corpos abjetos que, por muito tempo, foram silenciados nas pesquisas em Ciências Humanas, principalmente na Geografia.

Geografias dos corpos gordos é, então, uma possibilidade de olhar sobre o corpo gordo de homens gays e colocá-los na centralidade do debate geográfico. A incipiência de pesquisas sobre o corpo, mais especificamente o corpo gordo, é a propulsão que eu proponho a provocar com este texto. Meu corpo fala, é político e faço dele uma potência de pesquisa.

Nesse sentido, o objetivo deste texto é propor uma discussão do corpo gordo a partir do olhar da Geografia, abordando questões relacionadas ao corpo gordo, analisando e refletindo os diversos espaços e como estes acabam disciplinando os nossos corpos. Seja pelo viés da saúde, seja pela mídia ou no ciberespaço como um todo. É um escrito dedicado a revelar a problemática desses espaços e como eles acabam impactando no cotidiano do corpo gordo.

Quando falamos do cotidiano do corpo gordo, estamos dizendo que este

texto tem um diferencial, o qual revela, pelo olhar da Geografia, que o cotidiano de homens gays gordos é singular. Cabe destacar:

[...] o cotidiano não é um objeto de estudo empiricamente delimitável, ao contrário de outros domínios do saber. O cotidiano é antes uma possibilidade metodológica de decifração do social. Daí o apelo a de perambularmos pela imensidão do isso aí. Os riscos (ou ganhos) de nos perdermos podem ser compensados (ou potenciados) convocando um olhar seletivo e sensibilizado, desde logo do ponto de vista teórico. Com uma dupla preocupação: a ver a sociedade a nível dos indivíduos e, ao mesmo tempo, a de ver como o social se traduz na vida deles. É com esse guia de orientação metodológica que podemos cartografar o social, com o objetivo de o melhor o interpretar (Pais *et al.*, 2017, p. 307).

Sendo assim, é compreendendo, refletindo e analisando o cotidiano desses corpos que vamos construindo cada parágrafo, seja pelo viés da saúde, da mídia ou da própria gordofobia que impera sobre nós. Discutir sobre isso me remete diretamente à minha infância e juventude, as quais não posso deixar de relatar.

Cresci achando que ser gordo era errado, era sinônimo de doença, desleixo ou até mesmo de falta de amor próprio. Quando criança, algumas brincadeiras não me cabiam, eu era colocado nos jogos de futebol como goleiro, por não ter fôlego suficiente para correr como meus amigos. Ao longo da adolescência, fui tentando lidar com o meu corpo gordo, usando roupas mais largas, com as quais eu tentava disfarçar a barriga, as coxas e outras partes do meu corpo. Quando tirava fotos, tentava me esconder atrás dos/as amigos/as para não mostrar meu corpo gordo. Ligado a isso, era o momento de descoberta da minha sexualidade, o que acabou sendo um atenuante ainda mais complexo. Descobri que gostar de homens e ao mesmo tempo ter que lidar com meu corpo era algo delicado. Com o tempo, fui administrando melhor a relação sexualidade versus corpo gordo. No entanto, vivia fazendo dieta, pois me parecia que o ideal era ser magro, afinal, ao longo da minha vida foi me colocado isso. Em determinado momento, cheguei a fazer uso de medicação, que inibia o apetite, e acabei emagrecendo cerca de 32 quilos. Tal uso da medicação acabou modificando meu comportamento, eu fiquei mais distraído, menos tolerante e com a boca constantemente seca. Anos depois, voltei a engordar e tentei fazer o uso da mesma medicação, mas não consegui mais, palpitações no coração e pressão arterial começaram a aparecer. Posso dizer que boa parte da minha juventude foi marcada por dietas e uso de medicação. Com o tempo fui aceitando mais o meu corpo e com ele compreendendo algumas situações que exigiam certas posicionalidades. Hoje em dia não tolero piadas, risadas e nem gordofobia disfarçada pelo discurso do cuidado. Não me tornei um militante do corpo gordo, ainda existe um caminho longo a ser percorrido, mas não sou o mesmo que vivia de dietas (depoimento do autor).

Diante do exposto, reflito sobre quantas outras crianças sofrem diariamente com a ditadura do corpo e crescem achando que ser gordo é errado. Principalmente nos tempos de hoje, quando as mídias sociais imperam sobre o nosso cotidiano e com as quais estamos cada vez mais conectados precocemente. O meu relato vem no sentido de contribuir com a discussão deste artigo. Então, penso que este momento também é um espaço de resistência. Resistir a tudo aquilo que sofremos desde criança: humilhação, violência e exclusão.

Geografias dos corpos gordos é mais do que um texto, ele é uma crítica a uma história que nos foi contada, em que se valoriza o corpo magro e se coloca o corpo gordo no lugar de doente. Que violenta, ao longo de toda história da humanidade, o corpo gordo, e determina padrões a serem seguidos como sendo o correto. Ainda, apontamos que algumas instituições não estão preparadas para sujeitos gordos.

Durante a escrita deste estudo, penso como somos informados, constantemente, de que a obesidade é um fator determinante de óbitos da COVID-19. Ao perguntar sobre qual era a comorbidade que levou ao óbito determinada pessoa, lá vem um médico dizer “fulana era obesa”. Na pandemia, o corpo gordo pareceu ser ainda mais estigmatizado, e o discurso da medicina foi reforçado nesse período pandêmico.

O corpo gordo pelo viés da saúde

Como dito anteriormente, ao longo da história da humanidade o modelo ideal de corpo foi se alterando, mas nunca o corpo gordo foi tido como o modelo a ser seguido. Segundo Paim e Kovaleski (2020, p. 4), “a patologização do corpo gordo é um discurso atualmente consolidado, inquestionável e fundamentado pelas ideias de sobrepeso e obesidade. A obesidade é definida de forma simplista pela OMS como o acúmulo anormal ou excessivo de gordura corporal, que afeta e prejudica a saúde”.

O Índice de Massa Corporal (IMC) foi criado em 1832 e proposto em 1995 como parâmetro para definir a obesidade como doença. Segundo os autores, “a partir do IMC, é possível identificar o quanto a pessoa se afasta do padrão de normalidade – já que normal é ter o corpo magro –, tendo no biológico o elemento essencial para definir o que seria um desvio da normalidade. Assim, anormal é ter o corpo gordo” (Paim; Kovaleski, 2020, p. 4). Para Poulain (2013), existe uma preocupação em transformar a “norma médica” em uma “norma social”. Ou seja, você acaba sendo determinado por um número que não leva em consideração outras questões, apenas a altura e o peso corporal. Para Paim e Kovaleski (2020),

a norma não produz apenas médias estatísticas, mas carrega também aquilo que é considerado desejável num momento histórico de determinada sociedade, o que é adequado e deve ser incorporado por todos como norma. Quando o indivíduo não alcança e ameaça o tipo ideal de corpo, sua atitude é entendida como negligência e é produzida uma forte exclusão social em relação aos corpos gordos, que são discriminados, rejeitados e culpabilizados (Paim; Kovaleski, 2020, p. 5).



Ou seja, para você atingir o ideal de um corpo pelo viés da saúde, o seu cotidiano não é levado em consideração. E somos classificados como normais ou anormais a partir do IMC. Nesse sentido, cabe brevemente aqui um conceito de estigma investigado por Goffman (1975), que explica que existe um dualismo entre pessoas estigmatizadas e normais. Para o autor, o “normal” produz hierarquias aos estigmatizados e isso é transformado em “expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (Goffman, 1975, p. 12). Para Poulain (2013),

A estigmatização não se reduz a um simples olhar crítico a uma pessoa – ela é um processo de interações que desmerecem um indivíduo e tendem a transformar a vítima em culpado. O processo supõe igualmente a injustiça das críticas (discriminação) e, sobretudo, que o indivíduo que é a vítima aceite e interiorize a desvalorização. [...] O obeso sofre de estigmatização nas sociedades contemporâneas (Poulain, 2013, p. 117).

Jimenez (2020) sugere:

Pensemos nas escolas, nos hospitais, no trabalho, na família e nas religiões, isto é: os indivíduos devem ser aceitos e considerados ‘normais’ no grupo social; se não for assim, surgirão instrumentalizações para inserir o sujeito ao estado normatizado, considerado pelo grupo. E se isso não ocorrer, surgirá o estigma e a exclusão do sistema. Ao invés de incluir o sujeito e entender que não existem apenas duas categorias de encaixe — normal e anormal, o corpo social acaba entendendo aquela pessoa, aquele corpo, como ruim, inferiorizado, digno de humilhações e exclusões (Jimenez, 2020, p. 56).

É isso que Goffman (1975) considera como estigma, a classificação daquilo que é tido como normal versus aquilo que é tido como anormal. Quando você é classificado a partir desse dualismo, gera automaticamente um sentimento de que algo há de errado. Volto ao meu depoimento: cresci achando que ser gordo era errado; logo, o estigma do corpo gordo imperava sobre a minha condição corpórea.

Para Jimenez (2020, p. 57), “o estigma é um controle social, nessa seletividade do que é bom ou ruim, de acordo com convicções de cunho político, institucional, religioso, moral e também comercial, criando um protótipo do que é permitido ou não na sociedade”. Assim, “os corpos estão sempre sendo classificados com aprovação ou reprovação dentro do termômetro social, o qual define como nossos corpos devem ser [...]” (Jimenez, 2020, p. 57). E é por meio dessa dualidade que muitas indústrias acabam lucrando na promessa de “vender o corpo ideal”.

Percebemos que o discurso médico sobre o corpo gordo é tão forte que, quando você emagrece, é tido como vitorioso, independentemente da sua situação emocional ou dos motivos que levou você à perda de peso. O discurso da saúde impera sobre os nossos corpos e acaba fazendo com que, muitas vezes, façamos diversos movimentos para atingir aquilo que é tido como ideal.

Mas, vejamos bem, não queremos dizer que romantizamos o corpo gordo.

Minha militância está pautada em ser quem você é e se sentir bem. Mas precisamos pontuar que existe uma diferença entre obesidade, que recebe um CID (Código Internacional de Doenças), que é CID10 – E66 (obesidade), e corpo gordo, que é um biotipo, assim como um corpo magro. A militância de muitos ativistas está atravessada por isso, por combater um discurso gordofóbico, disfarçado de um ideal sobre saúde.

Minha família sempre foi gorda, basicamente irmãs e pais, recentemente minha irmã mais velha precisou ser hospitalizada devido à contaminação pelo novo coronavírus. Foram mais de 60 dias hospitalizada, entre idas e vindas da UTI (Unidade de Tratamento Intensivo). Após a saída dela do hospital, conversamos sobre esses dias que ela esteve hospitalizada. Uma das conversas que tivemos foi sobre não ter macas para pessoas gordas, ela me relatou que não cabia na maca que a levaria para o hospital. A cadeira de rodas foi improvisada, ela escutava piadas quando precisava de ajuda da equipe médica, sempre piadas relacionadas ao seu peso. Além disso, no transporte público, ela sempre sentou na parte da frente, e quando o motorista pedia para ela ir para os bancos de trás era o maior constrangimento, afinal ela não passava na roleta (depoimento do autor).

Alguns espaços não são pensados para pessoas gordas e a falta de acessibilidade leva a um constrangimento. Podemos, assim, observar uma gordofobia disfarçada, levando a pessoa a se sentir culpada por ser gorda. O que trouxe foi apenas um relato singular da minha irmã, mas quantos outros espaços não são pensados para corpos gordos? Por quantas situações minha irmã já passou por ter um corpo estigmatizado? Segundo Jimenez (2020, p. 64-66),

A gordofobia, então, acontece quando o corpo gordo é diagnosticado como doente, mesmo quando não se fez nenhum exame para detectar algum problema de saúde. É uma discriminação muito mais profunda do que parece, sem uma análise crítica sobre esses corpos, já que desencadeia situações constrangedoras e humilhantes, mas principalmente elimina direitos sociais daqueles que são considerados pela sociedade como incapazes. O mundo é planejado para os magros, basta ser gordo para experimentar o quanto os espaços e as coisas são construídos de tamanhos cada vez menores, as roupas são pequenas, as cadeiras e assentos são frágeis e estreitos. As pessoas gordas que aparecem nas mídias sempre são tidas como coitadas, que devem diminuir de tamanho, doentes, preguiçosas ou engraçadas e desajeitadas. É verdade que nós, pessoas gordas, estamos em situação de vulnerabilidade, e a maioria da população não tem nenhum conhecimento de que possuímos direito a assentos e auxílio especiais, e isso é um problema muito grande. As pessoas maiores, frequentemente, se sentem desconfortáveis ao solicitar assistência, pois quase sempre existe um constrangimento público dispensado a elas.



Até o fato da alimentação acaba sendo vigiado pelos outros, pois parece existir uma vigilância sobre aquilo que e como consumimos. Parece que uma pessoa gorda não pode comer nada além de frutas e verduras, caso contrário existirá uma vigilância das pessoas sobre os nossos corpos. Para Jimenez (2020, p. 72),

O ato de comer, alimentar-se e escolher o que se põe no prato, na mesa, na geladeira e na panela é uma ação cotidiana que todos, independentemente da cultura, experimentam diariamente por diversas vezes ao dia, a não ser os que passam fome (por escolha, ou não). Assim sendo, comer é uma ação universal e faz parte da sobrevivência humana; essa ação está muito além da necessidade do corpo, pois o comer está rodeado de muitos significados simbólicos no que diz respeito a escolhas, preparo, tempo, risco, insegurança, gosto, etc. O alimento pode delimitar fronteiras, demonstrar desigualdades.

O consumo vigiado a que Jimenez se refere está diretamente ligado ao viés da saúde. O alimento que consumimos é carregado de outras questões que a vigilância acaba por impor sobre os nossos corpos. Nesse sentido, entendemos novamente que tudo está interligado e que existe um fio condutor nisso tudo: a gordofobia. Para Renata Rennó,

Os movimentos 'Positividade Corporal' (Body Positive) e 'Neutralidade Corporal' (Body Neutrality) têm grande importância no combate à gordofobia. Lutam por um novo olhar sobre nós mesmos para que pessoas gordas não sejam constrangidas por serem quem são. Reconheço e aplaudo os movimentos. O que penso é que o foco não pode ser no corpo. A 'Positividade Corporal' pode ser um caminho para aceitação, mas acredito que o corpo não pode ter tanta relevância pois certamente será monetizado e serão criados novos padrões, e, assim, manter a maioria excluída. Se não ficarmos tanto na superfície, ter a pele, o corpo como tradução de nossas habilidades emocionais, podemos investir em características que não têm 'data de validade', ao contrário, características que podem ser aprimoradas pelo tempo. Investir em autoconhecimento sempre traz segurança com raízes fortes, não é como o investimento na estética que qualquer comparação nos faz balançar¹.

A militância feminista antigordofóbica tem um importante papel para combater qualquer tipo de preconceito ligado ao corpo gordo. E isso serve de pano de fundo para pensar o corpo gordo de homens gays. A luta é constante, diária e necessária de se fazer cada vez mais, principalmente em tempos em que a mídia acaba sendo imperativa.

1 Um viés antropológico sobre a gordofobia. Disponível em: <https://astralbr.org/um-vies-antropologico-sobre-gordofobia/>. Acesso em: 11 nov. 2023.

O corpo gordo na mídia

Ao fazer essa subdivisão do corpo gordo na mídia, queremos chamar atenção para outra problemática, mas isso não significa que o discurso de saúde não impere aqui; pelo contrário, ele está presente a todo momento. Mas, quando mencionamos a mídia, estamos nos referindo a tudo que comunica, seja jornal, sites, revistas, aplicativos de relacionamentos, filmes e séries. Entendemos, assim, que o corpo gordo nesses espaços carece de uma subdivisão neste escrito.

A mídia sempre teve um papel importante em nossas vidas e a comunicação é uma delas, desde os primórdios com escrituras rupestres até os dias atuais com o avanço tecnológico. Sob o viés de Rodrigues (2007, p. 18-19),

A teia social de inter-relacionamentos, aproveita-se desta cultura das mídias para estabelecer a comunicação entre os indivíduos, não por trazer à tona um novo meio de comunicação, mas sim uma nova forma, um novo processo de codificação de mensagem, estabelecendo uma linguagem, até então atípica, para a construção de um discurso voltado para um consumo cada vez mais específico, cada vez mais massificado. O mosaico social, assim, se mantém como sistema humano, com aglomerados distintos ocupando posições e desempenhando funções específicas para o andamento da sociedade. A comunicação desta era virtual, ajustando a esta conjuntura social ‘pós-moderna, será produzida e distribuída visando mais ao consumo de um fragmento de um mosaico específico direcionada para o modus vivendi do grupo, e menos focada na lógica de um coletivo massificado.

Com isso, para o autor, a questão do consumo sempre esteve ligada à lógica da cultura das mídias. Portanto, a comunicação acaba tendo um papel importante de difusão sobre a questão do mercado. Trouxemos essa citação porque ela remete diretamente à questão do mercado gay, consumido em revistas, nas décadas passadas. Nunca vimos um corpo gordo sendo estampado nessas revistas. Sempre foram divulgados corpos em forma, tidos como padrões, sarados, altos e, por muitas vezes, brancos. Observemos a figura 1:

Figura 1 – Capas da revista G Magazine



Fonte: Fraga (2021).

A revista G Magazine circulou de 1997 até 2013, com 176 publicações. A revista era bastante famosa, pois não atraía somente o público gay (apesar de ser um consumidor), mas também outros públicos. Podemos observar que em nenhuma dessas capas são exibidos corpos tidos como “anormais”. Ao longo dos anos, com o fim das revistas, passamos a ver os mesmos corpos estampados em outros espaços. O que ficamos nos questionando é: o corpo gordo não é desejado? Parece existir uma inclinação (talvez não seja essa a palavra) para corpos iguais aos apresentados nas figuras, seriam então “corpos mais consumíveis”? Para Vasconcelos et al. (2004, p. 74-75),

O corpo é um objeto privilegiado de se entenderem as conexões presentes entre a ordem social e biológica, expressando as relações existentes entre o indivíduo e a sociedade. O corpo pode, deste modo, desempenhar diferentes funções, variando de acordo com a cultura. A maneira como o indivíduo lida, sente e percebe o seu corpo reflete uma realidade coletiva, conseqüentemente, o corpo, antes de tudo, passa a existir e ter um sentido dentro de um contexto social, que o constrói, sendo-lhe atribuídas representações, constituídas de sentidos, imagens e significados dentro de um universo simbólico, tornando-se um fato cultural.

Poderíamos pensar, assim como os autores, que o corpo pode desempenhar diferentes funções, dependendo da cultura. No entanto, ao longo dos anos, o corpo ideal foi se modificando a partir das representações, mas nunca próximo a um corpo gordo. Talvez o que tenha mudado com o tempo sejam os atributos, mas nunca o corpo. A mídia sempre atuou de forma imperativa sobre as nossas vidas, muitas vezes ditando aquilo que era certo e consumível. Assim, com o passar do tempo, com o avanço tecnológico, podemos observar nas mídias os mesmos corpos que as revistas estampavam. Mesmo que hoje exista uma variação quando se trata de aplicativos, por exemplo, mas os corpos sarados estão lá. Para Vasconcelhos et al. (2004, p. 73-74),

A dietética começa então a despontar como um elemento chave para se obter ou manter a forma desejada. Muitos alimentos são então abolidos dos cardápios, pois são apontados como causadores de males à saúde e à forma física. Ao açúcar ficam atribuídos a obesidade, o diabetes, a hipertensão, doenças cardiovasculares, cáries. Em contraposição, as carnes grelhadas, saladas, legumes, frutas frescas e laticínios são recomendados. Os meios de comunicação desempenham aqui importante papel como ‘intimidador à magreza’. Os produtos dietéticos passam a desempenhar papel principal nesse esforço para a manutenção de um corpo esguio, sem barriga. Era necessário estar atendo aos sinais do corpo [...] será o fator comercial, mais do que o higienista, o maior responsável pela divulgação de novos hábitos do corpo. E será na metade da década de 60 que hábitos como dietética, asseio e a cultura física irão se generalizar, agora é necessário manter a beleza e juventude, outro marco do século XX, sendo deste modo que a cosmética terá também lugar de destaque, principalmente por ter ao seu lado aparentemente o rigor científico e o feitiço da propaganda. A velhice deixa de ser uma virtude, a norma social dita a aparência jovem.

Se por um lado temos uma vigilância constante sobre os nossos corpos, por outro temos uma gigantesca indústria de produtos que lucra em cima do corpo desejado. Os meios de comunicação acabam exercendo um papel intimidador sobre o corpo gordo. Parece que se você não faz um regime regrado e não busca remédios “emagrecedores”, você estaria maltratando seu corpo. Como dito anteriormente, é sabido que a obesidade é uma doença com CID específico, porém o corpo gordo não é. Assim, talvez aí exista um paradoxo imposto pelo viés da saúde, mas também apoiado por programas de televisão – se você tem um corpo gordo, você é classificado como um doente.

Outro ponto sobre as mídias é que você dificilmente encontrará um gordo como galã de novela, pois o corpo gordo comumente está ligado ao cômico, àquilo que é engraçado. Reforçando isso, em 2014, o comediante Leandro Hassum se submeteu a uma cirurgia bariátrica e perdeu cerca de 70kg. Em uma entrevista de 2020, Hassum falou sobre isso: “Eu aprendi a lidar, é diferente. Já ouvi críticas que diziam que eu perdi a graça, mas também ouvi coisas como quem diz assim: ‘Você perdeu a sua essência depois que você emagreceu’. Isso de pessoas que nunca me conheceram nem gordo e nem magro. Da onde vem isso da pessoa achar que eu fiquei uma pessoa antipática porque eu emagreci?”². Percebemos que existe uma associação do corpo gordo ao cômico e isso também me parece vigiado, visto que isso não ocorre com o corpo magro, pelo menos não de forma agressiva.

Não distante disso, entraram em cena os aplicativos de relacionamento, os quais lidam diretamente com imagens, fotografias escolhidas para um “encontro perfeito”. Os aplicativos se tornaram um espaço importante de interação entre as pessoas, mas seguem a mesma lógica das revistas, divulgam corpos sarados, magros, altos, e o corpo gordo acaba não sendo “produto comercializável”.

Para Vinicius Lacerda³, os aplicativos tentam disfarçar a homofobia, a gordofobia e o racismo com a justificativa de que é questão de gosto. Segundo o escritor, gosto realmente não se discute, uma vez que a procura por características que nos chamam a atenção faz parte da conquista e do jogo da sedução e isso é totalmente permitido. O que não se tolera são frases racistas, homofóbicas e gordofóbicas, camufladas de preferências. O preconceito é velado nos aplicativos de relacionamento. Segundo Vinicius Lacerda,

[...] pluralidade de corpos e características físicas, principalmente no Brasil, deve ser valorizada e não encaixotada em padrões para compor novas galerias de perfis de mais do mesmo. Precisamos

2 Entrevista dada para o youtuber Caio Fischer em 29 jun. 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/06/leandro-hassum-diz-sofrer-gordofobia-mesmo-apos-perder-70-kg/#:~:text=Leandro%20Hassum%20diz%20sofrer%20gordofobia%20mesmo%20ap%C3%B3s%20perder%2070%20kg,-comediante&text=%E2%80%9CEu%20aprendi%20a%20lidar%2C%20%C3%A9,nem%20gordo%20e%20nem%20magro>. Acesso em: 15 out. 2023.

3 Questão de gosto: o racismo, a homofobia e a gordofobia nos aplicativos de relacionamentos. "Carta Capital". Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/saudelgbt/questao-de-gosto-o-racismo-a-homofobia-e-a-gordofobia-nos-aplicativos-de-relacionamento/>. Acesso em: 18/09/2023.



entender também que essa preferência por um modelo de beleza branco, heteronormativo e torneado de músculos também não é simplesmente uma questão de gosto individual. Reflete uma imposição social dominante, difundida amplamente pelas mídias e atualmente pelas redes sociais. Portanto, essa mudança de comportamento é muito mais complexa do que se pensa, mas já é um começo cada um refletir suas atitudes individualmente⁴.

Com isso, é importante salientar, mais uma vez, que a mídia exerce um papel imperativo sobre os nossos corpos. A preferência por corpos sarados e magros nunca foi questão de gosto, mas sim de uma imposição social dominante.

Da vigilância à resistência ao/do corpo gordo

Quando paramos e refletimos sobre a palavra vigilância, de início nos vem à cabeça outra palavra, que é o cuidado. Talvez, por muito tempo, a vigilância esteve ligada ao cuidado e por isso esse atravessamento. Por exemplo, quando falamos vigilância em/para/na saúde estamos nos referindo a um cuidado sobre determinada população para que ela evite ter problemas futuros com sua saúde.

Com o tempo, fui entendendo que o termo vigilância, aplicado em outras dimensões da vida e também em outras áreas, acaba tendo um outro significado. Para Bauman e Lyon (2013), a vigilância tem se expandido silenciosamente em muitas esferas da vida. Assim, vai sofrendo mutações à medida que as décadas vão passando, somos vigiados, controlados e, muitas vezes, punidos.

Para Bauman e Lyon,

vigilância é uma dimensão-chave do mundo moderno e, na maioria dos países, as pessoas têm muita consciência de como ela as afeta [...] Por toda parte, viajantes em passagem por aeroportos sabem que precisam atravessar não apenas o controle de passaportes em sua versão do século XXI, mas também novos dispositivos, como escâneres corporais e aparelhos de checagem biométrica [...] E se tudo isso tem a ver com segurança, outros tipos de vigilância, relativos a compras rotineiras e comuns, acesso on-line ou participação em mídias sociais, também se tornam cada vez mais onipresentes. Temos de mostrar documentos de identidade, inserir senhas e usar controles codificados em numerosos contextos, desde fazer compras pela internet até entrar em prédios. A cada dia o Google anota nossas buscas, estimulando estratégias de marketing customizadas (Bauman; Lyon, 2013, p. 9).

Para os autores, o consumo vigiado está cada vez mais presente em nossas vidas, e o avanço da tecnologia oportunizou – impôs – que estivéssemos dentro desses sistemas vigiados e controlados. As câmeras em nossas ruas nos dão a sensação de segurança, mas são uma forma de controle social. Monitoram que horas saímos, com quem saímos e que horas voltamos. O mundo

4 Idem.

contemporâneo e as novas tecnologias fizeram com que chegássemos nessa vigilância. Desse modo, “a vigilância suaviza-se especialmente no reino do consumo. Velhas amarras se afrouxam à medida que fragmentos de dados pessoais obtidos para um objetivo são facilmente usados com outro fim” (Bauman; Lyon, 2013, p. 10).

E aos poucos vamos perdendo a nossa liberdade, os nossos dados são expostos, vazados e controlados. Sugestões em anúncios brilham nas nossas telas a todo instante, mesmo que você não esteja interessado. Bastou fazer uma busca por determinado livro, eletrodoméstico, carro ou casa, que o Google acaba sugerindo anúncios virtuais para você consumir. A lógica de mercado impera sobre os nossos corpos e somos condicionados a viver nesses espaços, afinal, isso é um sintoma que veio com a contemporaneidade, e, aos poucos, fomos perdendo a nossa privacidade em razão dos dispositivos mencionados por Bauman e Lyon ou das postagens de viagens, comidas e lugares em nossas redes sociais. Para Bauman e Lyon (2013, p. 34),

Nos dias de hoje, o que nos assusta não é tanto a probabilidade de traição ou violação da privacidade, mas o oposto, o fechamento de saídas. A área da privacidade transforma-se num lugar de encarceramento, sendo o dono do espaço privado condenado e sentenciado a padecer expiando os próprios erros, forçado a uma condição marcada pela ausência de ouvintes ávidos por extrair e remover os segredos que se ocultam por trás das trincheiras da privacidade, por exibi-los publicamente e torna-los propriedades comum de todos, que todos desejam compartilhar. Parece que não sentimos nenhum prazer em ter segredos, a menos que sejam do tipo capaz de reforçar os nossos egos atraindo, das primeiras páginas dos tabloides e das capas de revistas atraentes e superficiais.

A vigilância, no sentido proposto pelos autores, parece não nos incomodar ou já nos acostumamos a viver sendo vigiados e controlados. Parece que existe uma felicidade ao revelar o nosso cotidiano nas redes sociais, e aos poucos vamos perdendo a nossa liberdade. Algumas frases são comuns de encontrar em legendas do Instagram, como, por exemplo: “parece que se não postar, não faz efeito” – em menção a pessoas que frequentam academias, registram todos os momentos e postam-nos em suas redes.

Mas e o corpo gordo, o que tem a ver com tudo isso que mencionamos até aqui?

Foi necessário fazer esse resgate proposto por Bauman e Lyon, em seu livro "Vigilância Líquida" (2013), para chegar ao corpo e compreender como o gordo é impactado diretamente por tudo o que comentamos até aqui (consumo, cotidiano, redes sociais, liberdade...).

Existe uma vigilância ainda mais cruel sobre corpos gordos, desde o consumo até as redes sociais. O gordo na sociedade contemporânea ainda é sinônimo de desleixo, como mencionamos em momentos anteriores. O controle que impera sobre os nossos corpos é ainda pior. Somos vigiados e controlados na nossa alimentação – não podemos nos dar o direito de comer

algo tido como não saudável –, sempre terá alguém verbalizando “é por isso que é gordo” ou “olha a quantidade de comida que ele coloca no prato”. Tentando entender essa vigilância e controle sobre o gordo, fui conversar com um amigo, uma conversa informal, para sair, por alguns segundos, daquilo que estou imerso. Gabriel é um homem gordo gay, de 30 anos, que vive fazendo dietas mirabolantes e relata o seguinte:

Nem sempre fui gordo, comecei a engordar quando conheci meu namorado e nos casamos. Ele casou com um homem de 60kg e hoje eu tenho 125kg, fui perceber que estava engordando depois do casamento, quando precisei comprar roupas e percebi que já havia engordado 20kg. Em um primeiro momento, isso me deu uma sensação de impotência, afinal, ele havia se casado com um homem magro. Com o tempo, fui aprendendo a lidar com meu corpo, vejo fotos passadas e, depois de tantas dietas, estou cansado. Aceitei o meu corpo do jeito que é. E para o meu marido não é problema, isso estava muito mais em mim do que nele. Claro, escolher roupas não é fácil, a moda não é feita para pessoas gordas. Até existe, mas são sempre roupas diferentes daquelas que eu gostaria de ter. Hoje, eu uso o que tem disponível na loja e não necessariamente o que está na vitrine dela. Já tive experiências não tão boas por ser gordo, mas acabo deixando de lado – me entristece, mas preciso seguir a vida (Gabriel, 30 anos, homem gay gordo).

O relato de Gabriel confirma o que já discutimos até aqui, mas também aquilo que entendemos que um homem gay gordo acaba vivenciando no seu cotidiano. Existe um processo que não é fácil e linear. Pelo contrário, é complexo. Passa por entender que o nosso corpo é muito mais do que o número que aparece na balança – ele é aquilo que vestimos e tudo o que está ao nosso redor. O corpo produz uma determinada espacialidade gorda, que a todo momento tentamos chamar, aqui, de "Geografias dos corpos gordos".

Nessa perspectiva, a vigilância ao corpo gordo produz uma espacialidade que é singular àquele corpo, passando então pelo controle, pela punição, pela autopunição e por procedimentos estéticos arriscados e caros. Vimos, no relato de Gabriel, que algumas lojas ele deixou de frequentar, alguns espaços não são para ele – não são para corpos gordos – mas não é pelo motivo da reivindicação dessa espacialidade. O que queremos dizer com isso é que, na questão do consumo, alguns espaços acabam privilegiando determinados corpos. Até o final da pesquisa, compreenderemos melhor como são produzidas as espacialidades para esses homens e como eles acabam transgredindo espaços que não os cabem.

Esse sistema de vigilância e punição trazido por Gabriel nos faz refletir sobre o que Foucault (2007) entende como poder punitivo. Existe uma punição sobre aquilo que colocamos no prato e aquilo que comemos, gerando uma autopunição para se modificar a ponto de ser aceito socialmente. Para Jimenez (2020, p. 77), o “corpo gordo é resultante de uma produção de individualidade, já que quebra a padronização do corpo saudável, o magro. Dessa maneira, a hierarquização de corpos, saberes e condutas deve ser vigiada. Quando esses

corpos, saberes e condutas não são aprovados socialmente, devem ser punidos”.

Com isso, do ponto de vista de Jimenez (2020), o corpo gordo é vigiado, punido e controlado por diferentes técnicas e dispositivos, seja pelo consumo, contexto em que nem tudo é passível de se comprar, comer e vestir; seja pelas redes sociais, nas quais a vitrine do julgamento impera sobre fotografias postadas com o corpo gordo à mostra. Existe uma regulação social que dita o que um corpo que não é tido como padrão pode ou não fazer, pode ou não vestir, pode ou não comer. Assim, o corpo pressionado pela vigilância acaba tendo por objetivo torná-lo dócil. Para Foucault (2007, p. 135), “todos os detalhes têm que estar de acordo com lógica da disciplina. Isto poderia ser adaptado para o corpo gordo, que pela lógica da disciplina, é um corpo desatento aos detalhes o que faz com a vigilância sob esse corpo aumente”. Assim, existe um poder que acaba punindo o corpo gordo e, em muitos momentos, negando direitos a esses corpos.

A vigilância e o controle geram a punição que acaba por ser um “despir” daquilo que você é em proveito de um ideal regulatório que dita padrões de beleza aceitos socialmente – o magro. Na contemporaneidade, a sociedade impõe que emagrecer é sinônimo de saúde e, para isso o custo pode ser o sofrimento de pessoas gordas. É nesse ponto que o corpo gordo se torna abjeto, como já mencionado em outro momento, repulsivo, causando estranhamento. A abjeção de corpos gordos, quando cruzada com os marcadores sociais, tornam esses ainda mais indesejáveis.

Pelo viés da abjeção, Butler (2003) instaura um debate sobre a vulnerabilidade de determinados grupos e seus corpos. Assim, um corpo é estabelecido como abjeto, aquele que não possui – ou a que não é permitido – uma dinâmica dos corpos. Nesse sentido, exige-se uma infundável negociação com o espaço. Assim, o corpo abjeto não possui uma espacialidade determinada, descrita e nomeada, trata-se de corpos que acabam tentando se articular e não são aceitos. A vulnerabilidade dos corpos está aqui também pautada em seus marcadores, assim corpos produzem e são espacialidades possíveis de criações.

Nessa perspectiva, o cotidiano de um corpo gordo está pautado em um regime de visibilidade (por meio da reivindicação de determinados espaços) – seja pela militância coletiva, seja pela aceitação do seu próprio corpo, seja invisibilidade (por meio da punição) – em que corpos gordos acabam sendo punidos e se punindo por não se encaixar em estereótipos de beleza tidos como ideais. Essa invisibilidade é punitiva, uma vez que exige um apagamento daquilo que se é e um afastamento de tudo aquilo que poderia reforçar a aceitação ao seu corpo.

Um dos caminhos possíveis para essa aceitação passa pela compreensão de que o corpo gordo é uma resistência capaz de ser forte o bastante para promover um ativismo de luta, passa por alguns caminhos doloridos, e que tem se consolidado com o movimento feminista ao longo dos anos, movimento este que se coloca em uma conjuntura de luta antigordofóbica dentro e fora do ciberespaço. É uma militância que tem reverberado nas redes sociais e nas ruas, na luta pelo direito a um corpo livre, superando barreiras construídas ao longo de muitos anos, na tentativa constante de mostrar que existe um discurso

de patologização que não nos cabe.

O corpo gordo é atravessado diariamente por olhares que punem, por discursos que ditam o que é certo para aquele corpo e por uma mídia que apresenta corpos que não nos representam. Sobreviver a esse sistema de opressão é um ato de resistência e, mais do que isso, é um ato de sobrevivência! Sobreviver a humilhações, a pré-julgamentos, preconceitos e exclusões sociais. Para Jimenez (2020), a luta se faz não no apagamento ou esquecimento dos traumas dos nossos corpos, mas na transformação das nossas experiências de vidas e na descontinuidade do sofrimento.

Assim, segundo Jimenez (2020, p. 170), o ativismo é um movimento importante no combate a qualquer tipo de preconceito, “O ativismo deve modificar, transformar e influenciar processos e resultados sociais e políticos”. Para a autora, o ciberespaço tem um papel de extrema importância para o ativismo do corpo gordo. É por ele que se consegue difundir conteúdos que antes eram quase que impossíveis de chegar a esses corpos. Jimenez entende que o ativismo gordo vai além de ser somente a aceitação do próprio corpo, como se propõe o *body positive*. Ele é um instrumento de empoderamento que vai lutar pela despatologização, pelo enfrentamento à gordofobia e pela acessibilidade desses corpos a determinados espaços. Dessa maneira, para Jimenez (2020), existe uma diferença importante entre o *body positive* e o ativismo gordo, afirmando que as lutas não são as mesmas. Jimenez (2020, p. 177) afirma que,

Nessa construção ativista, que nunca termina e sempre está em transformação, aparece a discussão sobre o feminismo gordo. Muitas militantes contam que, dentro do feminismo, essa temática é invisibilizada, e que muitas delas, como eu, sofreram por não poderem levantar essa bandeira dentro das pautas de coletivos em diversos lugares e momentos do feminismo [...] O ativismo gordo luta dentro do feminismo para ocupar e validar essa luta, mas infelizmente existem feminismos que, em sua maioria, não percebem a importância dessa discussão dentro deles. Apesar disso, eu me denomino feminista gorda, porque, antes de mais nada, fui e sou feminista, acredito que minhas leituras sobre o feminismo, escritos por feministas, levaram-me ao movimento gordo. Meu posicionamento (com meu corpo e como mulher) é construído dentro do feminismo.

Com isso, a autora se lança a provocar se seria possível um ativismo gordo dentro do movimento feminista. E se posiciona no sentido de ganhar espaço dentro do feminismo para colocar em pauta os corpos gordos. Jimenez (2020) coloca uma parcela do movimento feminista a refletir sobre pautas que são doloridas para determinados grupos, uma vez que, para ela, existem pessoas gordas e outras não tão gordas, que sofrem opressões em diferentes situações e em dimensões também diferentes. Ao mesmo tempo, o ativismo é produzido nessas reflexões dentro e fora do movimento feminista. Para Rangel (2018, p. 74),

Para tentar diferenciar pessoas gordas que sofrem mais opressão e

outras que sofrem menos por causa da variedade de tamanhos de pessoas gordas, foram criadas as categorias ‘gorda maior’ e ‘gorda menor’. Essa classificação busca evidenciar o lugar de opressão maior em que está localizada a ‘gorda maior’. É possível fazer relação com a noção de colorismos que há no movimento negro, em que quanto mais escura a pigmentação da pele da pessoa, mais preconceito e racismo ela sofrerá, em especial, em países colonizados por europeus. O mesmo aconteceria com as pessoas gordas maiores. Há a preocupação no ativismo gordo de que este seja tomado pelas pautas das gordas menores, excluindo as pautas das gordas maiores que já são mais marginalizadas pela sociedade. Mas como é feita essa classificação? A variedade de corpos gordos é muito grande, o que dificulta a definição. Outra preocupação dentre ativistas gordas/os é de que o próprio ativismo acabe excluindo pessoas que se consideram gordas a partir de outro sistema de classificação criado por eles/as mesmos/as.

Segundo Rangel (2018), ao longo do tempo foram sendo criadas categorias de variedades de tamanhos, o que colocaria o corpo gordo “maior” dentro de um sistema de opressão ainda mais agressivo. Assim, para a autora, existe uma preocupação em não pulverizar o ativismo gordo em pessoas gordas menores e gordas maiores. Jimenez (2020, p. 179) corrobora dizendo que “são muitas as interseccionalidades que formam o ativismo gordo, não somos um bloco fechado em que todos os corpos gordos são iguais e sofrem das mesmas exclusões e sofrimentos; apesar de termos identificações de sofrimentos, outros existem e se somam a mais estigmas e dores”. Assim, a resistência se constrói nas dores e nas opressões que todos os corpos gordos tendem a sofrer. Jimenez (2020, p. 181) diz:

Acredito ser importante que cada mulher gorda entenda seus privilégios, lugares de fala e hierarquias, respeitando outras opressões que estão lado a lado da questão da gordura, sem separá-las dentro da construção da subjetividade de cada uma. Mas, também, entendo, e por experiência própria, que esse posicionamento dentro do ativismo vem com o tempo, porque precisa existir uma reconstrução dentro de um processo político, que descoloniza os afetos, para, então, começarmos a pensar criticamente, a partir de nosso posicionamento no mundo, em relação às outras mulheres que querem fazer parte da mesma luta que eu: a antigordofobia.

Com isso, a autora lança a reflexão de que é importante reconhecer os privilégios de determinados corpos, mesmo sendo gordos, respeitando outras opressões que se manifestam. Ao mesmo tempo, Jimenez (2020) afere que, independentemente do regime de privilégios, a luta deve ser a mesma, a antigordofobia, entendendo que no ativismo gordo isso vem com o tempo e é um processo político de posicionamento dos mais variados corpos.

Cabe destacar que o ativismo gordo começou nos Estados Unidos, nos anos de 1970, e um dos momentos importantes desse ativismo foi a criação da "Associação Nacional para o Avanço da Aceitação da Gordura/dos(as) Gordos(as)" (*National Association to Advance Fat Acceptance – NAAFA*), em

1969 (Lupton, 2013). Um primeiro documento foi escrito, em 1973, por feministas gordas, um manifesto de libertação de pessoas gordas, de Judy Freespirit e Aldebaran, em Los Angeles, Califórnia, e publicado pelo *Fat Underground* (movimentos feministas de mulheres gordas estadunidenses). O documento apresenta sete pontos importantes, sendo eles:

1. Acreditamos que as pessoas gordas têm todo o direito ao respeito e ao reconhecimento humanos; 2. Estamos zangadas com o mau tratamento devido a interesses comerciais e sexistas. Esses têm explorado nossos corpos como objetos do ridículo, criando assim um mercado imensamente lucrativo que vive de vender a falsa promessa que esse ridículo pode ser evitado ou aliviado; 3. Vemos nossa luta como aliada de outros grupos oprimidos contra classismo, racismo, sexismo, preconceito etário (ageism), exploração financeira, imperialismo, e outros; 4. Exigimos direitos iguais para pessoas gordas em todos os aspectos da vida, conforme prometido pela Constituição dos EUA. Exigimos igual acesso a bens e serviços na esfera pública, e um fim à discriminação contra nós nas áreas de emprego, educação, instalações públicas, e serviços de saúde; 5. Destacamos como nosso principal inimigo a assim chamada indústria de “redução”. Esta inclui clubes de dieta, spas, médicos de dieta, livros de dieta, comida de dieta, suplementos de comida, procedimentos cirúrgicos, inibidores de apetite, drogas e equipamentos de redução. Exigimos que essa indústria se responsabilize pelas suas promessas falsas, reconheça que seus produtos são perigosos à saúde pública, e publique estudos de longo prazo provando qualquer eficácia estatística dos seus produtos. Fazemos essa exigência sabendo que mais de 99% de todos os programas de perda de peso, quando avaliados num período superior a cinco anos, fracassam totalmente, e também sabendo dos perigos extremos e comprovados de mudanças frequentes no peso [o efeito sanfona]; 6. Nós repudiamos a “ciência” mistificada que falsamente afirma que não somos saudáveis. Isso tem criado e mantido discriminação contra nós, em conluio com os interesses financeiros das empresas de seguro, da indústria da moda, das indústrias de redução, das indústrias de comida e medicamentos, e das instituições médicas e psiquiátricas; 7. Recusamos ser subjugadas aos interesses de nossos inimigos. Queremos retomar o poder sobre nossos corpos e nossas vidas. Estamos comprometidas a buscar esses objetivos juntas⁵.

Percebemos a importância do movimento feminista para pautas tão duras. Assim como o movimento teve e tem sua importância nas questões das sexualidades, ele abre uma grande porta para discutir os corpos dos homens gordos, que também são afetados por esse sistema de opressão – obviamente que entendemos que as opressões se manifestam de formas distintas, mas assim como foi colocado, o movimento feminista acaba por reverberar

5 Tradução de Lola Aronovich. Disponível em: <https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2012/04/manifesto-da-libertacao-das-gordas.html>. Acesso em: 02 dez. 2023.

discussões importantes sobre o que pensamos. No entanto, existe um grupo maior de mulheres ativistas, que luta contra a gordofobia, do que o de homens.

É imprescindível compreender que o movimento feminista ecoa nos corpos gordos de homens gays também. No entanto, percebemos que se tornar um ativista gordo é um processo que vai da aceitação do seu próprio corpo a se juntar na luta antigordofobia. Para Jimenez (2020, p. 184), “aceitar o corpo como ele é e/ou está, ou produzi-lo de modo criativo, pode provocar mudanças nas concepções de beleza, saúde e felicidade, e podemos considerar esse processo uma expressão de resistência diante da corporeidade capitalística, já que transfere o indivíduo para outra lógica de estar e ser no mundo”. Com isso, quando falamos sobre o corpo gordo, estamos tocando em um assunto sensível a determinado grupo, pessoas que vivem suas dores, suas marcas corporais – muitas vezes – de forma silenciosa.

Por uma Geografia ainda mais gorda

Não pretendo finalizar a discussão acerca do corpo gordo, meu intuito era trazer elementos para reflexão que nos ajude a pensar a ciência geográfica pelo viés do corpo gordo. Além disso, ao longo do texto, propositalmente, fui dividindo-o por etapas, numa tentativa de provocar, a partir do artigo, que outros/as pesquisadores/as sejam tocados/as.

Os Estudos do Corpo Gordo na Geografia ainda são uma novidade, diferentemente de outras áreas do conhecimento. Assim, esta é uma tentativa de produzir potência/provocação no campo, para que possamos pensar os espaços a partir destes corpos.

Ao longo desta escrita, eu me posiciono enquanto um homem gay gordo que vivencia espaços e lugares, em uma tentativa de torna-la menos formal, trazendo vivências e experiências. Meu corpo é potência, e a partir dele tento produzir reflexões dentro do campo geográfico.

Busquei fazer um percurso do corpo gordo pelo viés da saúde, da mídia e do movimento de resistência. A vigilância é constante sobre os nossos corpos e alguns espaços acabam por ditar como devemos nos comportar, não sendo pensados para um corpo distante de uma norma imposta socialmente. Com isso, apontei caminhos para que possamos refletir e trazer para o debate situações, vivências e experiências para dentro e fora do campo geográfico.

Referências

BAUMAN, Zygmunt; LYON, David. **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

FRAGA, Eric. **G- Magazine**: os primeiros anos (1997-1999), publicado em 21 de janeiro de 2021, 2021. Medium. Disponível em: <https://medium.com/@ericbfrg/g-magazine-os-primeiros-anos-1997-1999->

ec9fb1bedb94. Acesso em: 2 abr. 2024.

GOFFMAN, Erwing. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

JIMENEZ, Maria Luisa Jimenez. **Lute como uma gorda**: gordofobia, resistências e ativismos. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea), Programa de Pós Graduação em Comunicação e Mediações Culturais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2020.

LUPTON, Deborah. **Fat**. New York: Routledge, 2013.

PAIM, Marina Bastos; KOVALESKI, Douglas Francisco. Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia. **Revista Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 29, n. 1, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/pBvf5Zc6vtkMSHytzLKxYJH/?lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2023.

PAIS, José Machado; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes contemporâneas, cotidiano. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017.

POULAIN, Jean Pierre. **Sociologia da Obesidade**. São Paulo: Senac, 2013.

PROST, Antoine; VICENT, Gérard (org.). Fronteiras e espaços do privado - A família e o indivíduo. In: VEYNE, Paul (Org). **História da vida privada**: da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 60-105.

RANGEL, Natália Fonseca de Abreu. **O ativismo gordo em campo**: política, identidade e construção de significados. 2018. 162 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2018.

RODRIGUES, Gabriel de Oliveira. **Corpos em evidência**: uma perspectiva sobre os ensaios fotográficos de ‘G Magazine’. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2007.

VASCONCELOS, Naumi A. de; SUDO, Iana; SUDO, Nara. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Revista mal-estar e subjetividade**. v. IV, n. 1; Fortaleza/CE, mar. 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27140104>. Acesso em: 11 out. 2023.

Recebido em 16 de novembro de 2023.

Aceito em 14 de fevereiro de 2024.

Diego Miranda Nunes

